

O último imperador

Li Zhisui (1994), *The Private Life of Chairman Mao. The Memoirs of Mao's Personal Physician*, Nova Iorque, Random House.

Até à data Mao Tsétung foi o único dos grandes déspotas totalitários do século que conseguiu escapar ileso às obras de demolição que arruinaram a hagiografia dos seus pares.

A distância oriental, a extrema opacidade do regime comunista chinês, ou a falta de informação sobre as realidades da República Popular da China, explicam, em boa parte, a resistência singular dos hábitos mitológicos do presidente Mao. Embora, nos últimos anos, as narrativas e as estatísticas sobre as catástrofes do seu reino — 30 ou 40 milhões de mortos durante o «Grande Salto em Frente», brutalmente revelados pelo recuo demográfico no último censo oficial¹ — tenham diminuído o peso desses factores convencionais, nem por isso o fundador do regime caiu do seu pedestal. Mesmo o seu sucessor, Deng Xiaoping, perseguido na «Grande Revolução Cultural Proletária», quando pronunciou o seu veredicto sobre o último imperador, quis valorizar os seus feitos e limitar a crítica dos seus «erros»², sem repetir os termos da condenação de Estaline por Kruchtchev.

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

¹ Nas estatísticas demográficas chinesas referentes ao período do «grande salto em frente» há um «buraco negro»: faltam entre 15 e 40 milhões de pessoas [cf. Simon Leys (1990), «L'art d'interpréter des inscriptions inexistantes écrites à l'encre invisible dans une page blanche», in Simon Leys (1991), *L'Humeur, l'honneur, l'horreur. Essais sur la culture et la politique chinoise*, pp. 135-139, Paris, Laffont, Lin Binyan, «An unnatural disaster», in *The New York Review*, XL, 7, 8 de Abril de 1993, e Daniel Sutherland, «The horrors of Mao», in *The Washington Post National Weekly Edition*, 11 (40), 1-7 de Agosto de 1994].

² O veredicto oficial sobre Mao Tsétung está expresso numa resolução do Comité Central do Partido Comunista da China, precedida de uma série de comentários preliminares do seu sucessor, Deng Xiaoping [cf. CCP, *Resolution on certain questions in the history of our Party since the founding of the People's Republic of China* (adopted by the Sixth Plenary Session of the 11th Central Committee of the Communist Party of China, 27 June 1981), Deng Xiaoping (1978), «Porter haut levé le drapeau de la pensée Mao Zedong et persister à rechercher la vérité dans les faits», in Deng Xiaoping (1985), *Oeuvres choisies (1975-1982)*, pp.144-147, Pequim, Éditions en Langues Etrangères, Deng Xiaoping (1980), «Réponses aux questions de Oriana Fallaci», *ibid.*, pp. 314-337, e Deng Xiaoping (1980-1981), «Opinions concernant la rédaction de la 'résolution sur quelques questions de l'histoire de notre parti depuis la fondation de la République populaire de Chine'», *ibid.*, pp. 287-308].

Nesse contexto, a memória de Li Zhisui — o médico pessoal de Mao Tsétung desde 1955 até à sua morte — sobre a vida privada do presidente pode marcar o momento da viragem e abrir caminho para uma mudança substancial das percepções dominantes sobre o déspota oriental, remetendo-o para a companhia dos outros no caixote de lixo das tragédias totalitárias. As primeiras reacções ao livro do Dr. Li apontam nesse sentido: nas palavras de sinólogos respeitáveis, Mao passou a ser um monstro sem máscara, o «mais destrutivo dos tiranos» registados pela história³, o homem que mais poder teve, durante mais tempo, sobre o maior número de pessoas, e que infligiu à sua nação a pior das catástrofes⁴. E, do outro lado, as autoridades pequinenses não esconderam o seu alarme quando procuraram negar, naturalmente sem resultados, a própria existência de Li Zhisui e as suas funções como médico da corte, que são conhecidas e estão solidamente documentadas.

OS TRABALHOS DE LI ZHISUI

O impacto excepcional e, sobretudo, a importância do testemunho de Li Zhisui para a biografia de Mao — e para a própria história do regime comunista chinês — exigem, por sua vez, uma avaliação tão rigorosa quanto possível da sua credibilidade como fonte.

Mais uma vez, ao contrário dos outros casos comparativamente relevantes, como o regime bolchevique (*bolchévik*) russo, ou o nacional-socialismo alemão, a crónica sobre as lutas internas no círculo restrito de Zhongnanhai — a ala do antigo palácio imperial de Pequim onde os principais dirigentes chineses se instalaram desde 1949 — não pôde recorrer às versões de dissidentes de alto nível, e muito menos ter acesso aos arquivos pertinentes. Os primos dos «kremlinologistas» tiveram sempre de construir as suas análises no trabalho paciente de decifração dos documentos oficiais, ou no tratamento arriscado dos palimpsestos da «revolução cultural», incluindo os «processos» de condenação dos principais dirigentes assassinados, presos ou deportados durante os anos 60⁵.

Ora, subitamente, os ditos sinólogos dispõem de um documento ímpar — nenhum dos restantes déspotas contemporâneos mereceu uma descrição tão íntima, tão detalhada e tão seguida da sua vida quotidiana — sobre o principal

³ Jonathan Mirsky (1994), «Unmasking the monster», in *The New York Review*, xli, 19, 17 de Novembro.

⁴ Andrew Nathan, «Prefácio», in Li Zhisui (1994), *The Private Life of Chairman Mao. The Memoirs of Mao's Personal Physician*, vii, Nova Iorque, Random House.

⁵ Os melhores exemplos são os trabalhos de Roderick MacFarquhar e Simon Leys (Pierre Rykmans) sobre o período [cf. Roderick MacFarquhar (1960), *The Hundred Flowers Campaign and the Chinese Intellectuals*, Nova Iorque, Praeger, Roderick MacFarquhar (1974), *The Origins of the Cultural Revolution*, vol. 1, *Contradictions among the People (1956-1957)*, Londres, Oxford University Press, Roderick MacFarquhar (1983), *The Origins of the Cultural Revolution*, vol. II, *The Great Leap Forward (1958-1960)*, Londres, Oxford University Press, e Simon Leys (1971, 1975), *Les habits neufs du président Mao*, Paris, Champ Libre].

dirigente do mais hermético de todos os regimes totalitários. Nesse sentido, o livro do Dr. Li é uma fonte única sobre a personalidade de um dos grandes tiranos do século, insubstituível para conhecer o presidente Mao⁶. Além disso, embora as suas informações sobre as disputas políticas internas sejam menos originais e, frequentemente, em segunda mão, a massa de detalhes inéditos acumulada na sua crónica cortesã torna-a também indispensável para a reconstituição de episódios cruciais na história das primeiras décadas do regime.

O primeiro problema dos trabalhos de Li Zhisui resulta da sua condição como «dissidente privado» do presidente Mao, que serviu com uma veneração cega durante a maior parte dos vinte e dois anos em que esteve a seu lado, quase todos os dias, antes de se revoltar, silenciosamente, contra o seu senhor, sem poder libertar-se do domínio absoluto de Mao sobre a sua vida e a sorte de toda a sua família.

Li consegue resolver razoavelmente esse problema, pois não esconde os seus predicamentos, nem a combinação de devoção extrema e terror permanente, que marcaram a sua vida na corte — embora se possam ter dúvidas sobre a altura em que se distanciou intimamente do culto imperial —, nem o motivo do seu testemunho, a vingança do mandarim que pôde dizer a última palavra. A sua ingenuidade perpassa sempre no texto, desde a evocação dos conselhos prudentes dos seus antepassados, que serviram imperadores da dinastia manchu⁷, até à irreprimível afectividade, evidente em certos episódios da sua relação pessoal com Mao, ou na sua ira contra as concubinas que manipulam um homem velho, sozinho e quase incapacitado nos últimos anos da sua vida.

O segundo problema decorre da destruição das notas originais do Dr. Li, que terá ocorrido em 1965, quando os «guardas vermelhos» invadem as suas instalações em Zhongnanhai. Segundo o próprio, esses cadernos diários foram reconstituídos depois de 1976, e Li Zhisui explica a excepcional acuidade do seu testemunho com um argumento terrível: a sua sobrevivência estava presa daquelas palavras e daqueles acontecimentos, que ficaram, por isso, indelevelmente gravados na sua memória. Em todo o caso, e com as reservas necessárias sobre certas passagens, tem de se constatar, *pro domo sua*, a consistência e a fluidez da sua crónica, que deixam uma impressão, talvez enganadora, de grande vivacidade e de autenticidade.

⁶ Segundo Perry Link, entre os outros testemunhos directos da vida privada de Mao podem referenciar-se os de duas das suas últimas concubinas, Zhang Yufeng e Meng Jinyun, e o do seu guarda-costas, Li Yinqiao, todos claramente favoráveis (Perry Link, «Someone else. The selfishness and cunning of chairman Mao», in *TLS*, 4778, 28 de Outubro de 1994). Outros relatos, igualmente amáveis, incluindo o do seu filho, Mao Anqing, estão coleccionados por Zhong Wenxian, editor (1986), *Mao Zedong. Biography. Assessment. Reminiscences*, Pequim, Foreign Languages Press. A biografia de Jiang Qing por Roxanne Witke, resultante de uma série de entrevistas com a última mulher de Mao, tem poucas indicações sobre o tema [cf. Roxane Witke (1977), *Comrade Chiang Ching*, Londres, Weidenfeld & Nicolson].

⁷ Um dos antepassados de Li teria servido, como médico, o imperador Tongzhi (1856-1874), e o seu bisavô, também médico, a regente Cixi (1835-1908), a última a ocupar o trono do dragão antes do fim da dinastia Qing [Li Zhisui (1994), *The Private Life of Chairman Mao. The Memoirs of Mao's Personal Physician*, p. 14].

O terceiro problema diz respeito à extensão das suas revelações sobre Mao, a sua corte e o círculo dirigente. Naturalmente, Li Zhisui tem contas a ajustar com numerosas personagens — a começar por Jiang Qing e Zhang Yufeng, respectivamente a última mulher e a última concubina de Mao, mas também, por exemplo, com Zhou Enlai, que descreve como um ser fraco e subserviente — e lealdades duradouras para com os seus protectores, sobretudo Wang Dongxing, o responsável pela segurança do presidente. As suas irritações pessoais prejudicam a credibilidade de uma parte dos seus retratos da corte, que têm de ser tomados com muito chá. Mas, no essencial, a sua descrição é limpa e sólida em todos os terrenos verificáveis, como o atestam as bênçãos importantes de alguns dos mais sérios e críticos dos especialistas que tiveram acesso ao seu manuscrito, ou trabalharam com Li na preparação da versão final⁸.

OS RETRATOS DE MAO

Li Zhisui, descendente de uma velha linhagem pequinense, formado numa escola de medicina norte-americana, que só regressa à China depois de 1949, descreve o seu senhor como um camponês sulista, rebelde e guerreiro que se tornou imperador, detentor de um poder quase absoluto, e decidido a não aceitar quaisquer limitações à sua liberdade política e pessoal.

O próprio Mao gostava de se apresentar um pouco dessa mesma maneira. Quando diz de si próprio, na frase célebre, reportada por Edgar Snow, que é «um pobre monge com um guarda-chuva rasgado», está a citar um poema clássico, cujo segundo verso acrescenta «sem Deus e sem lei»⁹. Ou, numa frase mais prosaica que usava frequentemente, o imperador autodidacta gabava-se de se ter formado «na universidade dos fora-da-lei». O presidente — do Partido Comunista e da República Popular —, para fugir de Pequim, viajava constantemente, sobretudo em direcção às grandes cidades da China do Sul, detestava os horários e a rotina, o protocolo e os rituais, e resistia a cumprir quaisquer obrigações, para lá do mínimo indispensável — mesmo a sua presença nas cerimónias do 1.º de Maio, ou do dia nacional, representava um fardo insuportável. Para sublinhar a sua posição, não usava relógio, convocava reuniões a qualquer hora do dia ou da noite, dormia

⁸ Entre os sinólogos que atestam a validade das fontes e puderam ter acesso aos seus cadernos de notas incluem-se Anne Thurston, que editou o livro, Xu Yamin e Emily MacFarquhar, bem como Lucien Pye e Roderick MacFarquhar.

⁹ A célebre história do monge, que Edgar Snow relatou, sem a ter percebido, já tinha sido decifrada por Simon Leys. Li acrescenta um detalhe picante: Mao pensava que Snow era um agente dos serviços secretos norte-americanos e procurava usá-lo, na convicção de que as suas mensagens seriam transmitidas ao mais alto nível, o que nunca aconteceu — nem podia acontecer, pois do lado norte-americano, como conta Henry Kissinger, Snow era tido como um instrumento dos comunistas chineses [cf. Simon Leys, «Aspects de Mao Tse-Tung», in Simon Leys (1976), *Images brisées*, p. 87, Paris, Laffont (Bibliothèque Asiatique), Li Zhisui (1994), p. 120, e Henry Kissinger (1994), *Diplomacy*, Nova Iorque, Simon & Schuster, p. 725].

quando lhe apetecia: para verificar se o presidente repousava o bastante, o seu médico tinha de calcular uma média diária pelo número de horas de sono por semana.

Segundo Li, Mao adorava a sua própria imprevisibilidade: «Nunca seguia duas vezes pelo mesmo caminho, procurava sempre o novo, o que nunca fora experimentado ou posto à prova, tanto na sua vida privada como nos assuntos nacionais¹⁰.»

O seu desígnio era transformar a China. Como muitos dos dirigentes comunistas e nacionalistas da sua geração, pensava que a cultura chinesa estava moribunda, irremediavelmente atrasada e incapaz de responder aos desafios da ocidentalização. Nesse sentido, o seu programa político partia da necessidade de adaptar a China aos imperativos do seu tempo, de cruzar os valores chineses e ocidentais, embora Mao fosse céptico quanto ao resultado da tentativa, que não seria «nem chinês, nem estrangeiro, nem cavalo, nem burro — uma mula»¹¹.

Mas o presidente não estava preparado para dirigir a China nessa via: o seu impulso recorrente para lançar experiências delirantes em grandes campanhas de mobilização de massas — como as «comunas populares», ou a produção de aço em pequenos fornos anexos às unidades produtivas — provocaram desastres nacionais, que travaram o processo de modernização e revelaram um desígnio mais profundo, a ficção totalitária de criar mais um «homem novo», depois de tentar fazer tábua rasa do passado histórico e do partido comunista, com a «revolução cultural», nos anos 60.

Mao distinguia-se dos seus pares por uma «fé mística» nas suas capacidades como dirigente: nunca duvidou de que só ele e mais ninguém podia salvar e transformar a China. Os Chineses, incluindo Li Zhisui, partilhavam essa convicção messiânica, mas a corte — o «Grupo 1», na carta organizacional do partido — conhecia outros traços singulares do presidente, que se acentuaram com a idade, como a procura da imortalidade, ecoada pelas multidões que aclamavam Mao e lhe desejavam, segundo a fórmula outrora reservada aos imperadores, «dez mil anos de vida».

Ao mesmo tempo conservador, puritano e ocidental, o médico do presidente mostra-se chocado pelos hábitos pessoais do camponês rebelde, promíscuo e inculto. Mao, um grande nadador, nunca tomava banho, pois preferia ser lavado com toalhas quentes, e limpava os dentes com chá, apesar dos esforços de Li para o fazer desistir desses costumes primitivos. Mas o pior eram os hábitos sexuais do presidente, que não só revelava um apetite voraz, como, ao contrário dos outros dirigentes, gostava de dormir com quantidades apreciáveis de camponesas, recrutadas pelos «grupos culturais» do partido e das forças armadas. Li Zhisui

¹⁰ Li Zhisui (1994), p. 121.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 124. Stuart Schram, num sentido paralelo, considera que a tentativa de Mao não conseguiu uma síntese entre combinar uma ideologia ocidental e a tradição chinesa e que produziu apenas uma «amalgama incómoda» [cf. Stuart Schram (1983), *Mao Zedong. A Preliminary Reassessment*, Hong-Kong, The Chinese University Press, p. 78].

defende, como atenuante, que o presidente procurava, desse modo, seguir o método taoista para renovar a força vital, embora não se arrisque a atribuir a sua longevidade aos excessos sexuais.

Mao tinha uma saúde de ferro e não suportava os médicos: só em última instância admitia submeter-se aos tratamentos do pobre Dr. Li, responsável perante o partido pelo bem-estar do presidente. Mas tinha insónias e períodos de impotência, que o seu médico diagnostica como sintomas de neurastenia, ao que parece uma doença típica do regime, resultante da ansiedade extrema que as tensões políticas provocavam tanto nos seus titulares como nos seus outros súbditos.

No caso de Mao, a origem da neurastenia era uma extrema desconfiança política, a chave da sua sobrevivência. O presidente vivia na obsessão de ser traído, que só conseguia superar pela eliminação sucessiva dos seus antigos companheiros. Li Zhisui sublinha, contra a voz corrente acerca da importância da «távola redonda», ou do «espírito de Yan'an»¹², que Mao não tinha amigos, encontrava os outros dirigentes somente nas reuniões oficiais e comunicava com eles, normalmente, por escrito¹³. Por outro lado, os sintomas da sua neurastenia seguiam um ciclo político — acentuavam-se nos períodos em que Mao estava a tramar a sua estratégia e prolongavam-se até ter alcançado os seus objectivos: depois, o sono imperial, durante semanas, ou meses a fio, deixava de sofrer interrupções.

Além disso, tinha doenças propriamente políticas: fingia-se morrer para enganar os seus adversários e fazer «as serpentes sair dos seus buracos», como, por exemplo, no período que precedeu a «revolução cultural», quando circulavam por toda a parte rumores sobre o seu declínio físico¹⁴. Por isso, o seu regresso à cena política é marcado por uma encenação peculiar, com o presidente a nadar nas águas traiçoeiras do Yang-tsé, que revela a sua forma e anuncia a sua contra-ofensiva política.

E sabia ainda usar as doenças dos outros como arma política. Li Zhisui relata como Mao terá decidido avançar contra Liu Shaoqi depois de saber, através do médico, que o seu principal rival tinha tuberculose, uma indicação inédita sobre a definição do calendário da «revolução cultural»¹⁵. Mais tarde, o presidente terá tentado impedir que dois dos seus velhos camaradas, Zhu De e Zhou Enlai, ambos cancerosos, fossem submetidos a intervenções cirúrgicas, alegando as suas reservas quanto às capacidades da medicina moderna¹⁶.

¹² Roderick MacFarquhar, por exemplo, valoriza o tema da «távola redonda», cuja primeira brecha ficou aberta com a demissão do marechal Peng Dehuai, na conferência de Lushan, em 1959 [cf. Roderick MacFarquhar (1974), p. 233].

¹³ Li Zhisui (1994), p. 85.

¹⁴ Cf., *inter alia*, Simon Leys (1975), p. 67.

¹⁵ Li Zhisui (1994), p. 414. Li acrescenta que Mao mandou imediatamente fechar o hospital de Pequim, cujos serviços estavam reservados aos dirigentes do centro.

¹⁶ Li Zhisui (1994), pp. 571-573. Apesar das reticências de Mao, os médicos conseguiriam contornar as suas objecções para o demoverem da sua decisão inicial, e Zhou acabaria por ser operado duas vezes, segundo o relato de Li.

Os retratos de Mao, feitos por Li Zhisui, são a parte mais importante das suas memórias do presidente, até à data protegido por um culto hagiográfico quase sem falhas. O médico teve, ao longo dos seus vinte e dois anos de servidão, um acesso incomparável a Mao, e o seu testemunho sobre o imperador e a vida da sua corte é insubstituível, mesmo que, por vezes, pareça demasiado parcial.

OS RETRATOS DO TIRANO

Se as revelações de Li Zhisui sobre a vida pessoal do presidente Mao são únicas, os elementos do seu livro sobre as lutas pelo poder no regime comunista parecem menos originais e, muitas vezes, resultar de descrições em segunda mão: os segredos de Zhongnanhai continuam bem guardados. De resto, o próprio tem o cuidado de identificar os casos raros em que pôde assistir, por detrás da cortina, ou *in loco*, aos acontecimentos, e os outros, quando o próprio Mao, ou algum dirigente, lhe faz um relato, ou um comentário, sobre uma reunião do círculo restrito dos decisores comunistas.

Com uma excepção — o chamado «incidente da Bandeira Negra», que se passa dentro do «Grupo 1»¹⁷ —, as suas informações servem, sobretudo, para confirmar e para documentar as análises mais rigorosas da evolução interna da política chinesa, ou ainda os factos conhecidos de episódios célebres da sua política internacional. Mas, mesmo assim, a soma de pormenores, de precisões acerca de datas ou sobre a localização exacta de Mao exigirá, pelo menos, uma revisão pontual dos textos.

No terreno da política externa, o livro acrescenta apenas algumas anedotas. Li acompanha Mao na sua segunda viagem a Moscovo, em 1957, e conta como o presidente fica irritado com a Praça Vermelha e, de regresso a Pequim, manda alargar a Praça Tian'anmen, para não ficar atrás dos Soviéticos. No ano seguinte assiste à última cimeira com Kruchtchev, em Pequim, quando Mao recebe o primeiro-secretário russo de fato de banho na sua piscina e o convida a mergulhar, sabendo que o seu rival não sabe nadar, nem está vestido para a ocasião. Descreve também os preparativos da cimeira com Nixon, em 1971 — como Mao, prostrado, aceita tratar-se para poder receber o presidente norte-americano —, e relata os

¹⁷ O «incidente da Bandeira Negra» trata de uma primeira resposta de Mao contra Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, que procurou atingir através de uma intriga contra Yang Shangkun, um dos homens de mão de Deng, responsável pelo Grupo 1. Este método indirecto era o mais clássico possível, pois o sistema de nomeações no regime comunista chinês fazia com que os proponentes de um candidato nomeado assumissem responsabilidade pelos actos dessa pessoa. Deste modo, as lutas internas nunca se iniciavam ao mais alto nível e começavam sempre por refregas em patamares inferiores: o objectivo são os dirigentes, mas o caminho para os atacar é através dos seus subordinados, ou dos seus protegidos. No caso referido, um dos secretários de Mao critica um dos dependentes de Yang para colocar o superior numa situação difícil e procurar atingir Deng. Li considera este incidente um precursor da «revolução cultural», embora Yang tenha escapado: o seu subordinado He Zai é expulso e tem de esperar até 1980 para ser reabilitado. O relato de Li é um testemunho único sobre este episódio obscuro [Li Zhisui (1994), pp. 236-238].

elogios do dirigente chinês ao político anticomunista, por dizer o que pensa, ao contrário dos esquerdistas, que dizem sempre o contrário. E confirma a história do encontro com o primeiro-ministro Tanaka, que apresenta ao seu hóspede desculpas pela invasão japonesa e recebe de volta os agradecimentos de Mao por esse acto de agressão, sem o qual os comunistas chineses nunca teriam chegado ao poder.

Quanto à política interna, Li Zhisui relata, vistos da corte, os sucessivos episódios da luta pelo poder desde o VIII Congresso do Partido Comunista da China até à sucessão de Mao. Há dois ou três casos em que os seus retratos do tirano trazem elementos adicionais importantes. O primeiro refere-se à passagem de Mao para uma «segunda linha» na sequência do VIII Congresso de 1956 e à sua substituição, em 1959, no cargo de presidente da República por Liu Shaoqi, o seu sucessor designado nesta fase.

Segundo Li, essa transição resulta de uma sugestão do próprio Mao, mas faz-se contra a sua vontade. Na sua versão, o presidente espera que os seus companheiros lhe peçam para ficar e, quando Liu e Deng Xiaoping avançam para instaurar uma «direcção colectiva» e remover as referências estatutárias ao «pensamento Mao Tsétung» da constituição partidária, Mao fica furioso. Pior ainda, a ascensão de Liu Shaoqi à chefia do Estado cria um problema incontornável para o presidente do Partido Comunista: a partir desse momento há dois dirigentes que usam o título de «presidente» (*zhuxi*), uma paridade inaceitável para Mao, cuja preeminência depende de uma curta *nuance*: o chefe do Estado merece o tratamento menos imperial de «presidente Liu», enquanto Mao continua a ser só o «presidente»¹⁸. Mao, obcecado com a denúncia de Estaline por Kruchchev, teme que os seus camaradas lhe queiram fazer em vida o que os herdeiros do déspota soviético guardaram para depois da sua morte, e está decidido a impedir a consolidação do poder dos seus rivais.

O segundo caso reporta-se à demissão de Peng Dehuai, na conferência de Lushan, a montanha das fadas, no Verão de 1959. Peng é o primeiro dirigente a denunciar os efeitos catastróficos da colectivização acelerada e do «Grande Salto em Frente». Li Zhisui revela que os secretários de Mao conhecem, em primeira mão, esses efeitos — o aço dos fornos artesanais não presta, as colheitas ficaram nos campos, a fome começa a alastrar em certas províncias — e que um deles é afastado juntamente com Peng e os seus aliados militares. Além disso, diz que o sucessor de Peng como ministro da Defesa, Lin Biao, não esteve em Lushan. E confirma que, para forçar a demissão de Peng, Mao ameaça formar outro partido e outro exército, se não for feita a sua vontade¹⁹.

Peng Dehuai, todavia, não é expulso e mantém o seu lugar como membro do Comité Central. Dois anos depois será Liu Shaoqi quem assume as suas críticas acerca da catástrofe — a pior fome do século XX — para isolar Mao e inverter as suas políticas. O presidente do Partido Comunista perde a face, faz a sua travessia do deserto — multiplicando as viagens de inspecção, para recuperar aliados nas

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 297.

¹⁹ Id., *ibid.*, pp. 306-326

províncias —, até ao Verão de 1966, quando lança a «revolução cultural» para eliminar Liu Shaoqi, afastar Deng Xiaoping e substituir a direcção do partido, com o apoio do exército e de Lin Biao, cuja posição como sucessor designado será estabelecida no IX Congresso do PC da China, em 1969.

O terceiro caso trata, justamente, da morte de Lin Biao. Mao vira-se contra Lin quando deixa de precisar do seu apoio e por reear um peso excessivo da sua facção militar na direcção comunista. O ministro de Defesa e primeiro-vice-presidente do partido repete o erro de Liu e procura instalar-se como presidente da República, invertendo o processo de 1956. Os aliados de Li defendem que Mao devia voltar a ocupar esse cargo, sabendo que o imperador não o quer, e fazem os outros dirigentes, que pensam ser essa a vontade de Mao, aprovar uma decisão nesse sentido: perante uma recusa de Mao, Lin seria o único candidato alternativo²⁰. A partir desse momento, o sucessor designado está perdido.

Li Zhisui conta, com detalhes inéditos, como o presidente terá descoberto a conspiração de Lin para o remover, se necessário pela força, e como o vice-presidente fica a saber que Mao está a mobilizar os comandantes e os dirigentes provinciais para o substituir, e decide, acto contínuo, fugir num avião em direcção à União Soviética. Mao dá ordens para não abaterem os fugitivos e, quando se percebe para onde vão, limita-se a comentar: «Temos mais um traidor, como Zhang Guotao e Wang Ming²¹.» Neste caso, o testemunho directo de Li contraria a posição dominante entre os peritos, que defendem a tese do assassinato de Lin Biao na China e consideram a fuga para a União Soviética como uma encenação²².

Em qualquer dos três casos referidos, a impressão que resulta é a de uma forte vulnerabilidade da posição interna de Mao, ao contrário da análise do próprio Li, para quem o presidente tem sempre um poder superior e segue uma linha ofensiva contra os seus rivais, verdadeiros ou imaginários. Só nos últimos anos Mao, fisicamente diminuído, tem um poder absoluto, como fica patente nas memórias do seu médico: os dirigentes do partido passam a receber instruções das concubinas — sobretudo de Zhang Yufeng, a única que consegue decifrar as palavras ininteligíveis de Mao —, quando e se as ditas senhoras quiserem recebê-los.

Durante o VIII Congresso e no processo subsequente, Mao não consegue impedir a instalação no poder de Liu Shaoqi e de Deng Xiaoping, que representam uma linha «conservadora» no regime. Na primeira conferência de Lushan, a sua vitória sobre Peng Dehuai é, no mínimo, parcial, uma vez que o general mantém os seus postos partidários, depois da sua demissão como ministro da Defesa, e de curta duração, pois as suas críticas serão retomadas por Liu Shaoqi numa segunda conferência de Lushan. Mao precisa de seis ou sete anos para recuperar o terreno perdido com a «revolução cultural» e, mesmo assim, depende

²⁰ Id., *ibid.*, 529-531.

²¹ Id., *ibid.*, 534-539.

²² Cf. Simon Leys (1983), «The death of Lin Biao», in *The Burning Forest*, pp. 141-151, Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, e Yao Ming-Le (1983), *The Conspiracy and Death of Lin Biao*, Nova Iorque, Alfred Knopf. Para a tese oposta da fuga e da morte accidental, cf. Jaap van Ginneken (1976), *The Rise and Fall of Lin Biao*, Harmondsworth, Penguin.

das suas alianças com Lin Biao, que só consegue afastar em 1970. Li não explica por que razão Mao não quer mandar abater o *Trident* de Lin Biao e aceita correr o risco de ter um marechal dissidente em Moscovo, mas pode-se pensar que Mao precisa da traição do delfim para neutralizar a sua influência nas forças armadas.

Em todo o caso, a preferência de Mao pelas estratégias defensivas — forçar os seus rivais a darem o primeiro passo — inscreve-se na mais clássica das tradições chinesas, onde Li Zhisui o situa sem falha, como, por exemplo, quando sublinha, com certa solenidade, que antes de cada crise o presidente mergulhava nas crónicas imperiais, na *Arte da Guerra*, de Sun Zi, ou no *Romance dos Três Reinos*, e dispensava os «clássicos» do marxismo.

O VEREDICTO FINAL

Para Li Zhisui, Mao é apenas mais um imperador chinês, cujo despotismo se inscreve nessa linhagem ancestral, e, ao mesmo tempo, uma personagem mesquinha e arbitrária, inteiramente possuída pela luta constante pelo poder.

Esse veredicto peca por uma certa curteza e parece demasiado marcado pelos tormentos pessoais do Dr. Li, ao cabo de mais de vinte anos de luta pela sobrevivência, numa corte implacável. Mesmo depois da morte de Mao, o seu médico teme o pior e pensa que vai ser vítima de um «processo dos médicos», como os seus pares do Kremlin, nos últimos meses de vida de Estaline: salva-se porque alguém tem de embalsamar o seu senhor e não há mais ninguém disponível para executar essa derradeira tarefa.

Desde logo, a insistência de Li sobre a referência permanente de Mao aos grandes imperadores que unificaram a China, como Qin Shihuangdi (221-206 a. C.), Sui Yangdi (604-618 d. C.) ou Zhou (dinastia Shang, século xi a. C.), revela menos uma afinidade electiva com esses déspotas notórios do que um traço comum do nacionalismo chinês do princípio do século, a primeira escola política de Mao Tsétung²³. Com efeito, o programa político da sua geração revolucionária podia resumir-se no duplo objectivo de adaptar a China aos ventos da modernização ocidental e de restabelecer a sua unidade, perdida desde as últimas décadas da dinastia manchu e restaurada, a partir de 1949, com a vitória comunista na guerra civil.

Por certo, Mao e o seu partido, passem certas facções mais internacionalistas, eram tão comunistas como chineses, e talvez mesmo mais chineses do que comunistas, e o próprio Mao, que quis, desde antes da tomada do poder, sinicizar o marxismo²⁴, representa bem essa dupla vinculação e a fusão entre o lado nacionalista e o lado comunista, que caracterizam o regime totalitário chinês.

²³ Cf., sobre este tema, a recensão de John E. Wills (1994), «The emperor has no clothes», in *Foreign Affairs*, 73 (6), p. 153.

²⁴ Sobre Mao e a sinicização do marxismo, cf., *inter alia*, Stuart Schram (1983), Stuart Schram (1972), *Mao Tse-Toung*, Paris, Armand Colin, pp. 130-138; cf. também Richard Lowenthal (1966), *World Communism. The Disintegration of a Secular Faith*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 99-138, e Richard Lowenthal, «Soviet and Chinese world views», in Donald Treadgold, editor (1967), *Soviet and Chinese Communism*, pp. 374-404, Seattle, University of Washington Press.

O despotismo maoísta, por sua vez, tem tantas ou mais afinidades com o seu «irmão mais velho» estalinista — Estaline é uma referência tão constante como os tiranos chineses — do que com a tradição oriental. Não só não há registo nas crónicas dinásticas de um imperador tão irreverente perante os ritos e as leis, ou de uma vaga de violência comparável, como a sequência do processo de consolidação do regime comunista e da dominação pessoal de Mao revela traços comuns evidentes com o caso soviético. A aceleração da colectivização agrária e as suas consequências catastróficas, no fim da primeira década, ou a destruição da velha guarda comunista e os respectivos «cultos da personalidade» de Estaline e de Mao, com os processos dos anos 30 ou a «revolução cultural», são crises específicas dos regimes comunistas, e o método de mobilização de massas contra o próprio partido e os riscos de burocratização representa um traço único dos movimentos totalitários. Nesse sentido, Mao é um tirano moderno, mais do que uma mera reencarnação do despotismo oriental.

Mas Mao Tsétung não é só isso. Se tivesse desaparecido da cena vinte anos antes da sua morte, seria lembrado como um dos grandes unificadores da China e um dos maiores reformadores da sua história. Os seus delírios posteriores, numa tentativa trágica de realizar uma utopia esclerosada, não podem validar um veredicto parcial que faz desaparecer o revolucionário ímpar sem o qual a China não teria voltado a poder ocupar o seu lugar na comunidade internacional, o último homem do século a fazer história com as suas mãos.